

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

# **Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

## Conferências

Organizadores

Jorge Fernandes Alves

Pedro Vilas-Boas Tavares

Porto, FLUP, 2020

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

# DUMA FILOSOFIA DA LIBERDADE A UMA PEDAGOGIA DA LIBERDADE: LEONARDO COIMBRA E A IDEIA FUNDADORA INICIAL DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

## 1.

No *Prefácio* ao vol. III das *Obras Completas*, de Leonardo Coimbra, Manuel Ferreira Patrício, um dos melhores conhecedores do pensador da Lixa, começa por perguntar-se: Qual é a relação que existe entre a vida e a obra dum filósofo?, para responder que, ao lado da vida normal dum ser, existe um horizonte mais vasto, que é o da construção reflexiva. E compara o autor, quanto a nós a justo título, a Ortega y Gasset, cuja obra completa de resto estava a ser publicada, ao mesmo tempo<sup>1</sup>.

Acrescentaríamos a este primeiro plano de abordagem a impressão de “*cor inquietum*” que logo encanta e prende quem o lê pela primeira vez e que tem sido aplicada ao pensamento de Santo Agostinho; ou de pensamento madrugante, com que Sant’Anna Dionísio, seu discípulo e biógrafo caracterizou a sua filosofia<sup>2</sup>.

Quer isto dizer que o pensamento de Leonardo não tenha sido sistémico, ou tenha sido mesmo anti-sistémico? Se assim pensássemos não levaríamos a sério a obra *O Criacionismo: esboço dum sistema filosófico*. Efetivamente, ao longo da sua vida, os diversos temas tratados encaixam-se num sistema, cuja primeira e inabalável fundamentação está no método, ou seja, na gnosologia a que sempre foi fiel, a saber, pensar por noções, aliando racionalidade abstrata e realidade concreta.

---

<sup>1</sup> PATRÍCIO, Manuel Ferreira (2006) – *Prefácio*. In COIMBRA, Leonardo - *Obras completas. III - 1916-1918*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto; Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

<sup>2</sup> DIONÍSIO, Sant’Anna (1985) - *Leonardo Coimbra: o filósofo e o tributo*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 383 e seg.

Esta vitalidade da reflexão leonardina é particularmente aguda nos seus dois textos, *A Alegria, a dor e a graça* (1916) e *a Luta pela imortalidade* (1918).

A prioridade do método permite a Leonardo ultrapassar o racionalismo crítico mais ou menos kantiano e por isso ultrapassar a razão meramente judicativa, sem, contudo, entrar em delírio irracional. Daí o lugar que tem na sua obra e na sua vida pública a intuição, a empatia, o sentimento, a saudade, a alegria e a dor, a graça e a amizade. E nestas imbricado, o sentido construtivo numa razão em busca.

Como bem escreveu um dos seus discípulos, Delfim Santos, os que leem a sua obra como um conjunto disperso, não chegam a perceber que o seu pensamento “não é apenas regulativo do conhecimento, mas também constitutivo da realidade. Esta não é em si, resulta do conúbio do pensamento e do não pensamento, é noção. A noção não é ideia nem conceito, mas o núcleo da percepção transcendental, a fonte donde promana o que se diversificará em óptico e lógico. E esta é a razão pela qual o criacionismo se define como dialéctica de noções e critica as filosofias que se constroem como dialéctica de conceitos”.

E acrescenta Delfim Santos: “Os conceitos são pensamento pensado, as noções pensamento realizante, constituinte disso que, como objecto, nós pensamos e a que sempre o pensamento ficará mais ou menos estranho. A dialéctica nocional é, no seu dinamismo, diluente de todos os estatismos sempre limitativos da aspiração de liberdade que é sinal distintivo do Homem”<sup>3</sup>.

É deste pressuposto gnoseológico, claríssimo desde a sua primeira obra sistemática, *O Criacionismo* (1912), que nasce a identidade de Leonardo. Identidade que lhe permite ir para a realidade com entendimento e paixão, assumindo momentos de lirismo e saudade, perante a vida e a natureza, a multiplicidade do Universo ou o mistério de Deus; mas também a incompreensão por parte daqueles que, viciados nos hábitos mentais do racionalismo e de uma cultura historicista, reduzem o pensamento a um conjunto de cânones, segundo os quais a realidade se lê uniformemente compassada.

Por isso Leonardo pode ser interpretado com as palavras de Unamuno. “A filosofia é um produto humano de cada filósofo e cada filósofo é um homem de carne e osso como ele. E faça o que fizer, filósofa, não apenas com a razão, mas com a vontade, com o sentimento, com a carne e com os ossos, com a alma toda e com o corpo todo. Filosofa o homem”<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> SANTOS, Delfim (1959) – Prefácio. In *O Criacionismo*. Porto, Tavares Martins, p. IX e X.

<sup>4</sup> UNAMUNO, Miguel de (1980) – *Del Sentimiento tragico de la vida*. Madrid: Espasa-Ca1pa, p. 28.

E em vários ensaios, dos quais destaco *Que quer dizer pensar*, Heidegger, já bem longe de *Ser e Tempo*, desenvolve o tema de que pensar é estar em movimento para...<sup>5</sup>. Isto depois de ter dito que a filosofia se move por interesse no sentido literal da palavra ‘interesse’ e que “mostrar interesse pela filosofia”, cito, “não indica de maneira alguma que estejamos preparados para pensar. Mesmo o facto de que, há longos anos, sejamos assíduos a estudar os tratados e escritos dos grandes pensadores não garante que pensemos nem que estejamos prontos para aprender a pensar. Ocupar-se de Filosofia pode ao contrário, de maneira tenaz, entreter a ilusão de que pensamos, porque, não é? nós filosofamos”<sup>6</sup>.

## 2.

“Quando a poderosa inteligência de Leonardo Coimbra surge na vida portuguesa, escreveu António Quadros, encontra uma situação mental esvaziada de conteúdo. A segunda metade do século XIX assistira por um lado à crítica da teologia católica ou do magistério eclesiástico e por outro ao triunfo intelectual de um pensamento estrangeirado nas linhas de força que, vindas do iluminismo setecentista, desembocavam no positivismo e idealismo”<sup>7</sup>.

Do ponto de vista da crítica do Magistério eclesiástico, que hoje reconhecemos bem pobre, apologético e nos começos da renovação da Teologia, sob os auspícios do que se chamou neotomismo, ele também pouco capaz de ser fonte de renovação, encontramos a obra de Amorim Viana, *Defesa do Racionalismo e Análise da Fé* (1866) em que o pensador português critica os dogmas tradicionais, em boa verdade usando o mesmo modelo de linguagem; mas sobretudo a conferência de Antero, de carácter mais cultural, *Causas da decadência dos povos peninsulares*, integrada nas *Conferências do Casino* (1876).

Sob o segundo aspeto, continuou a seguir António Quadros, as grandes linhas de força foram as do socialismo utópico que o próprio António Sérgio se viu obrigado a analisar no seu comentário ao proémio escrito por Oliveira Martins para a *Teoria do Socialismo* (1870): “três páginas de confusão babilónica graças ao anelo de sempre estar de acordo com todas as doutrinas que então se impunham, misturando um Hegel com um Proudhon e um Spencer com reminiscências de um Kant, de um Michelet, de um Vico...”<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, Martin (1957) – Que veut dire “penser”. In *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, p. 159.

<sup>6</sup> HEIDEGGER, Martin – *Ob. cit.*, p. 154.

<sup>7</sup> QUADROS, António (1985) – A Obra de Leonardo Coimbra no contexto cultural da sua época. In *Leonardo Coimbra, filósofo do real e do ideal*. Lisboa: Instituto Amaro da Costa, p. 24.

<sup>8</sup> QUADROS, António – *Ob. cit.*, p. 25.

Seria necessário ainda apontar a importância prática do pensamento positivista, sobretudo Teófilo Braga e a reação intelectual a este pensamento, pouco ou nada vigorosa, vinda do setor monárquico ou eclesiástico, mais ou menos fideísta. A resposta a este pensamento viria de pensadores não identificados com estes setores, mais ou menos eclesiásticos, como Cunha Seixas, Sampaio Bruno e mais tarde Leonardo Coimbra. Este, sempre fiel ao seu método de pensar por noções, ou seja, de pensar sempre em direção a... segundo a fórmula com que abre *A Alegria, a Dor e a Graça* – “As almas verídicas (porque há aparências, esboços de alma) nutrem-se dum único alimento, o absoluto”.

Este grande princípio, a que Leonardo permaneceu sempre fiel, deu um carácter de tal veracidade e autenticidade ao seu percurso de pensador e homem de ação, que dificilmente se encontra em Portugal alguém que se lhe possa comparar.

José Marinho, um dos seus melhores discípulos e comentadores, pôde, por isso, escrever: “A mais extraordinária surpresa que pode colher o estudioso da obra de Leonardo Coimbra é o da sua extraordinária unidade significativa. Unidade significativa quer dizer alguma coisa de melhor e mais fundo que a unidade metodológica dos *Pensées* de Pascal (...). Como nenhuma outra obra de pensamento que se abra para nós em língua portuguesa como viva e difícil expressão (...) a sua começa por perturbar pela sua multiplicidade, acaba por seduzir-nos pela própria certeza da sua unidade profunda, tão sérias são as correspondências de umas expressões para outras, tão constantes os temas de meditação e as ideias fundamentais, tão universal e harmonioso o sentido do seu desenvolvimento. E importa aqui entender bem o que se diz. Escrevendo “universal”, desde logo atendemos à crítica que dirigiu Leonardo Coimbra desde a primeira página à última que escreveu a uma concepção unitária da filosofia tanto na substância do pensamento como na forma de conceber. Da mesma forma que a unidade do ser não só respeita como suscita a pluralidade mais ampla, assim no conhecimento, segundo a mesma inelutável lei, que é a intrínseca necessidade e também liberdade aberta, o conhecimento respeita, a variedade das formas de apreender e conceber”<sup>9</sup>.

Curiosamente, ao ler este texto de José Marinho que tão bem define a arte de pensar de Leonardo, lembrei-me dum velho texto que Heidegger enviou para as comemorações dos 150 anos do nascimento de Kierkegaard, organizado pela UNESCO em Paris em 1964. O texto, rico de ensinamentos, intitulava-se *O Fim da filosofia e as tarefas do pensamento*<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> MARINHO, José (2001) - *O Pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*. Ed. Jorge Croce Rivera. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 597.

<sup>10</sup> Texto em: *Kierkegaard vivant*. Paris: Gallimard Idées, 1966, p. 167 e seg.

Entendendo por fim da filosofia, o acabamento dos grandes sistemas e afirmando que esse acabamento dos grandes sistemas abria lugar e vez ao pensamento, afirmava a dada a passo o pensador de Freiburg: “A filosofia fala bem da luz da razão, mas não tem na devida conta a clareira do ser”.

Este tema vem continuamente nos ensaios da última fase de Heidegger, sobretudo nos textos sobre a verdade – *Alêtheia* – que o autor glosa sempre como estado de não separação ou «diferença» entre o dito e o ser, entendendo portanto o pensamento como tarefa permanente de abertura sobre a clareira – *Lichtung* – onde se espraia sem se desligar do ser.

Foi nesta relação metafísica primordial que Leonardo concebeu o pensar e dentro dele o homem como ser pensante, dentro dum todo. Para Leonardo a vida do homem é um sistema de relações com o Universo; e a sua felicidade não pode ser entendida fora desta consciência aglutinadora, que faz crescer o homem livremente no conhecimento e no amor do todo, sendo a vida “o alargamento totalizante dessas relações e o seu aprofundamento significativo”<sup>11</sup>.

Mas um tal sistema de relações subsiste por si? Não, responde Leonardo, porque “um sistema de relações só pode subsistir suspenso do Absoluto que o segure e anime”<sup>12</sup>.

E o sistema é relativo a quê, a nada? “Uma cadeia ou rede de cadeias suspensa de novas relações seria como uma corrente de pérolas suspensa da sombra dum prego”<sup>13</sup>. É a relação do homem com o Absoluto que segura a cadeia das relações e por isso “a relação do homem com o Absoluto, através e para além das relações universais, é o sentido metafísico do homem, a essência mesmo da sua natureza”<sup>14</sup>.

Trata-se, para Leonardo, do grande iniludível problema do homem: “A tragédia do homem na vida, a sua posição em frente do que para ele é, de modo diferente, o problema do destino”<sup>15</sup>. Já que as diferentes formas do humanismo são, finalmente, “as diferentes formas de luta do homem com o Destino”<sup>16</sup>.

O pensamento de Leonardo, quer na sua vertente metafísica, quer na sua vertente antropológica continha em gérmen, a sua atuação e a sua doutrina no que à educação diz respeito. Era um pensamento metafísico aberto e um pensamento pedagógico humanista, nem antropolátrico, nem idealista, como longamente define nos primeiros passos de *A Rússia de hoje e o homem de sempre*.

---

<sup>11</sup> COIMBRA, Leonardo (1962) – *A Rússia de hoje e o homem de sempre*. Porto: Livraria Tavares Martins, p. 1.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 4.

Mas este pensamento estava já em gérmen, nos seus primeiros pequenos textos, escritos antes de *O Criacionismo*, de que destaco: *O Homem livre e o Homem legal*, aparecido em 1907, na revista *Nova Silva*; *A Inquisição Positivista*, aparecido em *A Vida* (jan. 1909), *O Pensamento e a liberdade*, em *A Vida* (1909), *A Filosofia da liberdade*, aparecido em *A Montanha* (20 mar. 1912)<sup>17</sup>.

Em todos estes textos já está definida uma racionalidade aberta, que apontava para um humanismo de tendência anarquista, fiel aos ideais republicanos, não jacobinos.

### 3.

Acabada a ditadura sidonista e acabada também a tentativa de restauração monárquica, pela derrota da chamada Monarquia do Norte, Leonardo foi convidado para Ministro da Instrução Pública.

Leonardo foi Ministro desta pasta por duas vezes: a primeira de 2 de abril de 1919 a 28 de junho do mesmo ano e a segunda entre 30 de novembro de 1922 e 8 de janeiro de 1923. Esteve ainda no Parlamento por duas vezes: eleito pelo círculo de Penafiel em 1919 e pelo círculo do Porto em 1922.

Na curta passagem pelo Ministério, o governo produziu legislação de fundo, que se pode qualificar como uma verdadeira reforma do ensino. Mostrou, que num governo que visava essencialmente preparar eleições, Leonardo tinha um programa bem refletido sobre a educação em geral, no país.

A segunda passagem pelo Ministério ficou marcada sobretudo pela “questão do ensino religioso”: Leonardo como se sabe advogava a liberdade de ensino religioso nas escolas privadas o que ao tempo suscitou enorme polémica e o abandono do ministério.

A capacidade de ação de Leonardo em 1919 fez-se sentir na criação das escolas primárias superiores, na reforma da Biblioteca Nacional de Lisboa, confiada a Raul Proença, numa nova orientação do Conservatório de Música de Lisboa, confiada a Viana da Mota, numa proposta de reforma dos estudos filosóficos nos liceus e faculdades de Letras e sobretudo no decreto de transferência da Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto.

O texto de Leonardo, *O Problema da Educação Nacional*, mostra que o filósofo tinha uma ideia ou um quadro de referências, técnica e doutrinariamente fundado, sobre o ensino<sup>18</sup>. Desde cedo Leonardo se referira ao ensino universitário e nomeadamente à Universidade de Coimbra. Encontramos na revista *Nova Silva*, em 1909, um texto sobre esta Universidade<sup>19</sup>: Leonardo,

<sup>17</sup> Textos em: COIMBRA, Leonardo – *Obras completas, ob. cit.*, tomo I, p. 1.003-1.012.

<sup>18</sup> Ver texto em: *Ibidem*, tomo VI, p. 149-152.

<sup>19</sup> *Nova Silva*. 1:3 (1909) 9.



como sabemos conhecia bem esta Universidade pois fora aí aluno entre 1898 e 1903. A questão de Leonardo, liga-se fundamentalmente a dois aspetos pedagógicos:

- a sua ideia de Universidade;
- a sua experiência pessoal em Coimbra.

O texto de *Nova Silva* é particularmente violento, numa época em que Leonardo era anarquista: “Maldita seja essa Universidade em que se quebram tantas energias e se desvirtuam tantas intenções! Que seja arrasada, incendiada, demolida pedra a pedra”<sup>20</sup>.

Havia também uma razão pessoal de pouca estima com a Universidade devido ao facto de Leonardo ter desistido do concurso para assistente da Faculdade de Filosofia, com particular referência ao Prof. Silva Cordeiro<sup>21</sup>.

Estas duas causas devem ter influenciado Leonardo: mas terão sido suficientes para um tal atrevimento – a saber o de acabar com a Faculdade em Coimbra e a transferir para o Porto, com o cortejo de críticas para si e para o governo que representava tal gesto? A nosso ver, nenhuma razão poderia justificar uma tal ousadia senão uma convicção muito forte duma reforma futura, não apenas de novos conteúdos, mas também duma nova pedagogia. E estas decorriam da mundividência de Leonardo Coimbra que expusemos e que é fundamental.

De facto, a 10 de maio de 1919, desanexou da Universidade de Coimbra a Faculdade de Letras. O decreto apontava inconvenientes na localização duma Faculdade em Coimbra: o meio era pequeno sem dinâmica social e económica para o conhecimento prático da vida que deviam ter os professores, quase todos destinados ao ensino secundário, para poderem formar o carácter dos alunos. Em Coimbra – rezava o decreto n.º 5.570 de 10 de maio de 1919 – “os professores do corpo docente viviam como que insulados no seu trabalho especulativo, literário e científico”. Já o Porto vivia num outro enquadramento social “de mais atractividade que o de Coimbra”, pelo que era aí mais conveniente criar a dita Faculdade. Uma razão, talvez mais de peso, apresenta o pensador-legislador: a preferência da Faculdade de Letras de Coimbra pela erudição livresca relativamente às especulações originais do espírito moderno, tendência que se manifestava “nas obras de seus principais professores e alunos laureados, uma quase completa orientação tomista de forma escolástica”<sup>22</sup>.

O Decreto, como se compreende, estava destinado a uma longa polémica, de que não interessa para aqui seguir as vicissitudes.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> COIMBRA, Leonardo (1913) - Porque abandonei o concurso. *Vida Portuguesa*. (16-1-1913).

<sup>22</sup> *Diário do Governo*. 1.ª série. 98 (10 maio 1919).

A decisão do Ministro era, de facto, mais do que ousada e seria necessário estudar o que era a Faculdade de Letras de Coimbra à época para melhor compreender a atitude de Leonardo. Pelo que me foi dado ler, foi talvez Álvaro Ribeiro, discípulo de Leonardo, quem melhor percebeu a atitude do Mestre.

Segundo o conhecido discípulo de Leonardo, a grande preocupação do ministro Leonardo Coimbra era, logicamente, “a de dotar a cultura portuguesa de um ensino superior de Filosofia”<sup>23</sup>. Essa dotação sem dúvida teria a ver com a cultura filosófica de Leonardo, já à época muito abrangente, e também certamente com o fracasso das doutrinas positivistas como matriz da República, ou melhor do partido dominante da 1.ª República, que eram de índole positivista. Sendo embora republicano, Leonardo sempre desconfiou dessas doutrinas, como aliás Sampaio Buno e outros.

Segundo o mesmo Álvaro Ribeiro escreve, nas *Memórias de um letrado*, “A ordenação das disciplinas seria naturalmente a do *Curso de Filosofia Positiva*, segundo a classificação das ciências feita por Augusto Comte, mas completada pelas disciplinas de epistemologia, metafísica, ética, moral e política, ordenadas segundo o pensamento geral do autor de *O Criacionismo*”<sup>24</sup>.

A questão universitária que logo se levantou tinha, pois, as maiores razões de fundo, para além dos motivos mais ou menos de circunstância. É que, como escreve Álvaro Ribeiro, “o curso superior de Filosofia pensado por Leonardo Coimbra para instituir nas faculdades de Letras, realizaria, a breve ou longo prazo, uma reforma total da Universidade portuguesa”<sup>25</sup>.

Como se sabe, a questão universitária veio a terminar pelo compromisso, acabando por coexistir as duas Faculdades do Porto e de Coimbra. Mas o dia 28 de maio de 1926 criou um novo enquadramento político. A revista *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, bem foi chamando a atenção para os perigos de acabar com esta Faculdade<sup>26</sup>.

O certo é que o governo por Decreto de 12 de abril de 1928 extinguiu a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a qual deixou de funcionar em 1931. Só em 1961, vinte e cinco anos após a morte de seu criador, reabriu.

Numa entrevista dada ao *Diário de Lisboa* em 1924, Leonardo pronunciava-se de maneira explosiva sobre a intenção que descortinava em Lisboa de fechar faculdades na Universidade do Porto afirmando “que a universidade do Porto tem uma frequência enorme de alunos (as faculdades de Letras e

<sup>23</sup> RIBEIRO, Álvaro (1979) – *Memórias de um letrado*. Lisboa: Guimarães Editores, vol. 1. 2, p. 151.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 152.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>26</sup> *A Águia*. 3.ª série. 10:58 (abr.-jun. 1927).

Farmácia têm mais alunos que as de Lisboa e Coimbra juntas). E tem um quadro de professores que honra, sobremaneira o ensino e que o Estado tem a obrigação e dever de respeitar”<sup>27</sup>.

#### 4.

O Prof. Cerqueira Gonçalves escreveu num pequeno texto sobre Leonardo que já é difícil etiquetar com rótulos a Filosofia de Leonardo. Mas esta dificuldade mais se avoluma se o seu pensamento se procura entender no horizonte político. Mas a questão tornar-se-á indecifrável se não se acertar na entrada para a sua Filosofia.

Escreve o ilustre Professor que o mundo para Leonardo Coimbra não é uma República de cidadãos, em que cada um destes se aproxima dos outros e a eles se identifica por instâncias de constituição formal; é antes uma comunidade de mónadas, onde todas, como centros de ação vão encontro das outras, em progressiva unidade e diferenciação<sup>28</sup>.

Dentro deste princípio a Pátria encerra simultâneamente o calor do lar e a universalidade social. Assim pode escrever em total coerência, distinguindo e acoplando enraizamento e universalidade: “A vida moderna é duma dispersão assustadora. A alma não se recolhe, vive em permanente exteriorização (...). O lar, o abrigo das ternuras reconfortantes, perdeu-se na vertigem da vida moderna, toda de ruído ambição e desesperado movimento. A Pátria, esse outro reduto de fecundas tradições e elos solidariedade, é uma ficção palavrosa, ou uma terrível voracidade de fauces arreganhadas por ambicionadas presas”<sup>29</sup>.

A coerência interna do pensamento e ação de Leonardo Coimbra não se moveu por circunstâncias de conjuntura. Mas por um conjunto de ideais, mais que sociológicos, um esforço ascensional daquilo a que chamou, primeiro, interação de mónadas religiosas, aberto a toda a grande e desinteressada virtude<sup>30</sup>.

O estudo da Pedagogia de Leonardo Coimbra deve ao Professor Manuel Patrício um trabalho fundamental<sup>31</sup>. Ao concluir esse trabalho a que deu o título de *A Pedagogia de Leonardo Coimbra*, escreve o antigo Reitor da Universidade de Évora: “A teoria e prática da educação implicam, para Leonardo, uma referência essencial à cultura e à teoria da cultura. Ao dis-

<sup>27</sup> Entrevista transcrita em *Obras Completas, ob. cit.*, vol. VI, p. 23 e seg.

<sup>28</sup> GONÇALVES, Joaquim Cerqueira (1985) – Leonardo Coimbra: a Filosofia criacionista. In *Leonardo Coimbra, filósofo do real e do ideal, ob. cit.*, p. 127 e seg.

<sup>29</sup> COIMBRA, Leonardo – Criacionismo: síntese filosófica. In *Obras completas, ob. cit.*, vol. I, tomo II, p. 376-377.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 378.

<sup>31</sup> PATRÍCIO, Manuel Ferreira (1992) – *A Pedagogia de Leonardo Coimbra: teoria e prática*. Porto: Porto Editora, p. 607.

cutir a primeira reforma republicana da educação, já para o nosso filósofo, o problema da educação é o problema da transmissão da cultura. É da análise da essência da cultura humana que o pensador extrai que a teoria tem supremacia sobre a prática e de que a organização da educação deve exprimir essa supremacia. A teoria da cultura de Leonardo Coimbra foi sempre distinta da de Comte, com recusa da verdade e da validade da lei dos três estados”.

O quadro em que se move Leonardo, segundo Manuel Patrício, é sempre basicamente o de *O Criacionismo*; dado que “não pode haver uma educação criacionista parcelar ou sectorial ela tem de ser comenianamente, integral ou universal, realizadora da totalidade do processo dialéctico do conhecimento humano. O que nela cresce é a liberdade e o espírito”<sup>31</sup>.

A criação da Faculdade de Letras do Porto em 1919 foi uma ousadia tal, que a nosso ver só se justifica, como já escrevi e agora repito, pelo que escreveu Álvaro Ribeiro em *As Memórias de um letrado*, com a intenção de dotar a cultura portuguesa de um ensino superior de Filosofia.

Na discussão havida no Parlamento aquando do debate sobre a criação deste curso que nos é transmitida pelo discípulo de Leonardo, Sant’Anna Dionísio, a questão fundamental é sobre a liberdade. E após um arroubo lírico muito ao seu estilo, Leonardo pergunta: “No corpo da nossa Universidade filtra-se porventura essa ideia serena de liberdade?, para apontar a reivindicação de “autonomia” como uma expressão clara de mandarinato. E senão, diz, é ver as expressões mais solenes do ensino universitário tradicional. É ver as teses niilistas que saem do seu seio, dos seus mais altos expoentes. Teses em que se defende o direito da força em que se degrada a vida superior do espírito até automatismos sociais gerados pelo automatismo no mundo das ideias e pela obediência absoluta no mundo das vontades”<sup>32</sup>.

## 5.

A boa porta de entrada, em conclusão, para o pensamento de Leonardo é uma Filosofia de liberdade, que evitasse o que desde cedo chamou o cou-sismo, isto é, toda a forma de pensamento estático, que não fosse de noções.

Assim, o seu pensamento não foi nunca o do pensado pura e simplesmente, mas o do pensado no horizonte do a pensar, numa busca incessante de referências, entre liberdade e transcendentalidade, numa dialética ascensional.

Distinguindo sempre o livre pensamento como doutrina e o livre pensamento como método, Leonardo desde cedo constatou que o livre pensamento como doutrina não era livre pensamento nenhum; e a criação da Faculdade de Letras do Porto é, de facto, de um tal atrevimento, que só é explicável pela afirmação de seu discípulo Álvaro Ribeiro, que citámos, pela intenção

<sup>32</sup> DIONÍSIO, Sant’Anna – *Ob. cit.*, p. 96.

de dotar “a cultura portuguesa de um ensino superior de Filosofia”. Ora essa preocupação tinha também a ver, seguramente, com o próprio destino da República. Talvez Leonardo Coimbra estivesse também convencido, como escreve ainda Álvaro Ribeiro, que o curso de filosofia “pensado por Leonardo Coimbra para instituir na Faculdade de Letras, realizaria a breve ou longo prazo, uma reforma total da Universidade portuguesa”<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup> RIBEIRO, Álvaro – *Ob. cit.*, p. 143.